



REDES SOCIAIS DIGITAIS NO CONTEXTO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA NO ENSINO MÉDIO

*DIGITAL SOCIAL NETWORKS IN THE CONTEXT OF PEDAGOGICAL PRACTICE IN
HIGH SCHOOL*

*LAS REDES SOCIALES DIGITALES EN EL CONTEXTO DE LA PRÁCTICA PEDAGÓGICA
EN LA ESCUELA SECUNDARIA*

Alessandro Silva de Oliveira

E-mail: alessandro.oliveira@ifg.edu.br

RESUMO

Este artigo objetiva apresentar uma revisão narrativa acerca dos impactos das redes sociais digitais na prática pedagógica e nas relações entre professor-aluno no ensino médio. As teorias de Lev Vygotsky e Paulo Freire sustentam a discussão relacionada à importância do diálogo no processo de ensino e aprendizagem, visando a interação e colaboração oportunizadas nas redes de forma dialógica. As redes sociais digitais na contemporaneidade podem alicerçar os processos educacionais no ciberespaço, buscando maior participação, construção colaborativa do aprendizado e motivação dos alunos em sala de aula. Desse modo, foram consultados o Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior e o Google Acadêmico. As publicações revelam que as redes são espaços potentes para o desenvolvimento de práticas pedagógicas participativas, interativas, colaborativas, criativas e dinâmicas. Assim, elas são vistas como ferramentas auxiliares de apoio e complemento das práticas pedagógicas. Ao mesmo tempo, mostram problemas referentes às dificuldades para o avanço das transformações das práticas pedagógicas proporcionadas pelas Tecnologias da Informação e da Comunicação. Contudo, a relevância da organização da escola em advogar e dialogar, coletiva e democraticamente sobre o tema é latente, bem como em orientar a formação dos professores acerca das relações entre educação, tecnologias digitais e seus envolvimento no processo pedagógico de ensino e aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE: Redes sociais. Educação. Aprendizagem.

ABSTRACT

This article aims to present a narrative review of the impacts of digital social networks on pedagogical practice and teacher-student relationships in high school. The theories of Lev Vygotsky and Paulo Freire support the discussion on the importance of dialogue in the teaching and learning process, aiming at the interaction and collaboration provided by the networks in a dialogical way. The digital social networks in contemporary times can support the educational operations in cyberspace, seeking greater participation, collaborative construction of learning, and student motivation in the classroom. Thus, the Periodical Portal of the Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel and Google Scholar were consulted. The publications reveal that the networks are potent spaces for developing participatory, interactive, collaborative, creative, and dynamic pedagogical practices. Thus, they are seen as additional tools to support and complement pedagogical practices. At the same time, they show problems related to the difficulties in advancing the transformations of pedagogical practices provided by Information and Communication Technologies. However, the relevance of the school organization in advocating and dialoguing, collectively and democratically, about the theme is latent, as well as in guiding the formation of teachers about the relations between education, digital technologies, and their involvement in the pedagogical process of teaching and learning.

KEYWORDS: Social networking. Education. Learning.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo presentar una revisión narrativa sobre los impactos de las redes sociales digitales en la práctica pedagógica y en las relaciones entre profesor-alumno en la escuela secundaria. Las teorías de Lev Vygotsky y Paulo Freire apoyan la discusión relacionada a la importancia del diálogo en el proceso de enseñanza y aprendizaje, buscando a la interacción y colaboración proporcionada por las redes de forma dialógica. Las redes sociales digitales en la contemporaneidad pueden apoyar los procesos educativos en el ciberespacio, buscando mayor participación, construcción colaborativa del aprendizaje y motivación de los alumnos en el aula. Así, fueron consultados el Portal Periódico de la Coordinación de Perfeccionamiento de Personal de Nivel Superior y el Google Scholar. Las publicaciones revelan que las redes son espacios poderosos para el desarrollo de prácticas pedagógicas participativas, interactivas, colaborativas, creativas y dinámicas. Así, son vistas como herramientas auxiliares para apoyar y complementar las prácticas pedagógicas. Al mismo tiempo, muestran problemas en cuanto a las dificultades para avanzar en las transformaciones de las prácticas pedagógicas que proporcionan las Tecnologías de la Información y la Comunicación. Sin embargo, es latente la relevancia de la organización escolar en abogar y dialogar colectiva y democráticamente sobre el tema, así como en orientar la formación de los docentes sobre las relaciones entre educación, tecnologías digitales y su implicación en el proceso pedagógico de enseñanza y aprendizaje.

PALABRAS-CLAVE: *Redes Sociales. Educación. Aprendizaje.*

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa discute acerca das relações entre educação e tecnologia na realidade brasileira, sobretudo referente ao uso das redes sociais digitais nas práticas pedagógicas. Optaremos pelo uso do termo redes, ao longo do texto, para nos referirmos às redes sociais digitais. Através da busca na literatura científica foi possível conhecer, levantar questões, contribuir com o tema e ao mesmo tempo, que sistematizar o estado do conhecimento sobre o assunto tratado. Em seguida, compartilhamos algumas experiências relacionadas ao uso do Facebook, dos Memes e do WhatsApp no apoio ao ensino. Desse modo, a pergunta de partida deste estudo é: quais são os impactos do uso das redes sociais digitais no contexto da prática pedagógica dentro de sala de aula e nas relações entre professor-aluno no ensino médio?

As relações entre educação e tecnologias são constituídas como um processo de disputa de paradigmas, onde os discursos moldam a preocupação com o mundo contemporâneo em função do uso exacerbado das tecnologias digitais para o meio educacional. Segundo Peixoto e Araújo (2012), a discussão ao redor desse tema se baseia em duas perspectivas com abordagens distintas, onde há uma visão instrumentalista e outra determinista. A visão instrumental olha para as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) como recursos didático-pedagógicos moldados pelos sujeitos, ou seja, trata o processo como flexível e maleável. Nesse sentido, as formas de uso das tecnologias na educação dependem da forma como elas são oportunizadas pelos sujeitos. Em contrapartida o determinismo tecnológico aborda a tecnologia de forma

centralizada, que determina a configuração social e cultural, ou seja, as tecnologias deveriam ser impostas ao meio escolar como condição para a educação contemporânea.

Este texto defende as redes como instrumentos de apoio ao ensino, na medida em que constroem processos educativos mais colaborativos e autônomos, em detrimento de uma ação de transformação involuntária dos sujeitos. De acordo com a perspectiva de Lévy (1999), a organização do sistema educacional e o papel do professor devem ser repensados, sobretudo pelas transformações tecnológicas no campo da comunicação com o crescimento da internet em nossas vidas, moldando as nossas relações sociais. Segundo Castells (2000), vivemos em uma era da sociedade das informações, em que os indivíduos estão cada vez mais conectados com outros através da internet.

A internet é um espaço que virtualiza o encontro com o "outro" social, que antes só era possível presencialmente (MELLO; TEIXEIRA, 2011). Conseqüentemente, cabe aos educadores utilizarem noções de criatividade, renovando constantemente a prática pedagógica para despertar nos educandos o interesse e a motivação. As novas TIC estão mudando não apenas as formas do entretenimento e do lazer, mas potencialmente todas as esferas da sociedade: o trabalho, o gerenciamento político, o consumo, a comunicação e educação, enfim, estão mudando toda a cultura em geral (SANTAELLA, 2003).

Neste mesmo sentido, Lévy (1999) aponta que na educação devemos considerar o crescimento do ciberespaço e o avanço da cibercultura. Ele conceitua o ciberespaço como a infraestrutura material da comunicação digital e o poder desse ambiente em produzir informações, fazer os seres humanos navegarem e se alimentarem desse universo. O ciberespaço está relacionado ao desenvolvimento da sociedade na era da informação. Segundo Lévy (1999), o ciberespaço reúne dispositivos de comunicação interativos e comunitários, tendo capacidade de construir pontes entre pessoas que manifestem os mesmos interesses específicos. Diante do uso da tecnologia, a sociedade contemporânea se apresenta pela agilidade e abundância na troca de informações, em que, no cotidiano das relações sociais, é exigido de nós o uso de novas tecnologias, as quais provocam transformações na nossa maneira de pensar e agir, de nos relacionarmos com o mundo.

Em relação a cibercultura, Lévy (1999) a conceitua como um conjunto de técnicas, de práticas, de modos de pensamento, de atitudes e de valores que refletem o crescimento do ciberespaço. A cibercultura é a cultura contemporânea cyber, digital e conectada que está intrinsecamente relacionada à ideia de interatividade e interconexão entre humanos,

informação, imagem e máquinas dos mais variados gêneros; ademais, ela é resultado da expansão das tecnologias digitais na década de noventa (SANTANA, 2019). Dessa forma, o interesse em tratar desse tema neste trabalho surge diante dos fenômenos sociais do ciberespaço e da cibercultura na educação e nas nossas relações sociais, que hoje estruturam o modo como nos situamos, comunicamos, relacionamos no mundo e, por resultante, como aprendermos.

Lev Vygotsky e Paulo Freire propõem questões que se entrelaçam na direção de uma educação cidadã e auxiliam no entendimento do processo das relações educacionais e a tecnologia. Especialmente neste trabalho, eles fornecem suporte para uma reflexão analítica sobre as trocas de saberes, estabelecidas durante o processo de ensino e aprendizagem na educação, assim como sobre as relações de poder nas práticas pedagógicas. Os teóricos abordam, ainda, a necessidade de aproximação entre os conteúdos trabalhados em sala de aula e a realidade social dos alunos, tornando o aprendizado mais significativo por meio do afeto ou reconhecimento do contexto vivido pelos alunos.

Para Vygotsky (1998), a construção do conhecimento nasce de uma ação pedagógica partilhada, sendo mediada entre sujeitos, com essa abordagem a interação social é indispensável para o processo ensino e aprendizagem e o professor adotaria a postura de mediação, sendo o elo intermediário entre o aluno e o conhecimento. A dimensão interativa proposta pelo autor evidencia a importância de práticas pedagógicas que visam as atividades colaborativas, cooperativas e interativas. A teoria de Vygotsky presume que a aprendizagem não é produzida a partir de uma mera aquisição de informações ou transmissão do conteúdo, mas envolve um processo interno, ativo e interpessoal, em que todos os atores aprendem (NEVES; DAMIANI, 2006).

Freire (2002) destaca os princípios educacionais na perspectiva dialógica e a abordagem problematizadora como forma de assegurar educação e libertação a todos e todas, opressores e oprimidos. Nesse sentido, o ambiente da sala de aula deve propiciar uma relação de diálogo horizontal, recíproco e de afeto entre professor-aluno, na medida em que essa configuração perpassa a transformação das metodologias de ensino visando a dimensão da aprendizagem com sentido e significado para os educandos. Nessa perspectiva, conteúdo e conhecimento devem problematizar a realidade social dos educandos e as redes, portanto, possuem relevante papel nessa abordagem educacional.

A capacidade de êxito na aprendizagem, segundo Freire (1996), perpassa estratégias constituídas no cotidiano das relações sociais entre os atores, a partir de sentimentos e emoções,

desejos e sonhos. As redes podem ser um espaço propício para a aproximação afetiva e necessária nas práticas pedagógicas e um ambiente para a valorização do saber do educando, da sua identidade, de resgate dos conhecimentos já construídos e da intenção do ato educativo na construção de um sujeito social participativo. De acordo com Oliveira (2016), as arquiteturas pedagógicas alicerçadas por uma concepção freireana estão assentadas em cinco princípios: educar para a busca de soluções de problemas reais; educar para transformar informações em conhecimento; educar para a autonomia de expressão e a interlocução; educar para a investigação; e educar para a autonomia e a cooperação.

Desse modo, esta investigação parte do pressuposto que, cotidianamente na sala de aula, havendo o uso indiscriminado do celular, os alunos ficam imersos no universo das redes e pouco se atraem ou motivam pelo conteúdo. Aponta-se que, com esse cenário, as redes podem ser utilizadas como ferramentas auxiliares às práticas pedagógicas para os professores que desejam inovação e dinamismo, haja vista que o espaço delas pode ser um importante ambiente de aprendizagem, principalmente quando mediado pelo professor.

Além disso, as redes podem ser locais de interação entre professor-aluno, onde podem trocar saberes e potencializar os laços de amizade entre ambos os atores, fatores tão importantes para o processo de ensino e aprendizagem. Nessa aproximação, o docente pode conhecer melhor a realidade social dos alunos e da cidade onde moram, assim as particularidades da vida de cada aluno, aspectos que nem sempre são perceptíveis e compartilháveis dentro da sala de aula ou nos espaços de socialização presentes nas escolas. Essas questões surgem a partir da participação na vida cotidiana do aluno que, atualmente, são compartilhadas nas redes dos adolescentes e jovens.

Por outro lado, as redes podem ser interpretadas como vilãs para os professores ou para a organização escolar, que deseja continuar alicerçada em práticas e métodos costumeiramente empregados, com materiais que desmotivam os alunos. De acordo com Moran (1995), sempre colocamos dificuldades para mudanças na educação e, mesmo frente ao desenvolvimento da tecnologia, apresentamos dificuldades de readaptação ao atual contexto. Desse modo, algumas das razões marcadas por essas dificuldades se relacionam ao desconhecimento do profissional em manusear as tecnologias, a não familiarização e apropriação, ou por uma opinião mais conservadora sobre os fins pedagógicos.

A justificativa desta pesquisa permeia a ideia de apropriar-se do fenômeno das redes como suporte e apoio das práticas pedagógicas, na construção de um processo de ensino e

aprendizagem participativo, colaborativo, dinâmico e afetivo, sendo capazes de despertar os interesses dos educandos pelos conteúdos trabalhados ao longo das diferentes disciplinas. Ademais, que os conteúdos sejam aplicáveis à realidade deles e produzam sentidos para o campo profissional e pessoal enquanto cidadãos ativos na sociedade.

Desse modo, em relação à dimensão teórica, percebe-se a necessidade de aprofundamento nesse tema e essa revisão narrativa da literatura pode servir de auxílio, haja vista que, a partir de uma busca inicial, não foi identificada nenhuma produção científica que procurasse sistematizar o tema em questão voltada especificamente ao ensino médio. Todavia, este trabalho poderá auxiliar na produção de materiais educativos e de orientação para informação e formação dos docentes sobre o assunto em cursos de educação continuada voltados para professores. Por conseguinte, poderá levar a mudanças de cunho pedagógico de forma localizada, assim como despertar novas formas de abordagem para o tema.

Diante desse contexto, o objetivo deste trabalho foi revelar o estado do conhecimento referente à compreensão dos impactos das redes sociais digitais na prática pedagógica e nas relações entre professor-aluno no âmbito do ensino médio em sala de aula presencial. Assim a organização dos resultados se apresenta em duas partes: 1) redes sociais digitais como ambiente de interação e; 2) desafios educacionais para o uso das redes sociais digitais. Além disso, conta com uma seção para apresentação dos procedimentos metodológicos adotados.

MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa qualitativa que utilizou de dados quantitativos, sendo caracterizado por um estudo de revisão narrativa, o qual empreende reflexões sobre o estado do conhecimento do tema em questão, constituindo da análise e interpretação de estudos primários e secundários seguidos da compreensão crítica dos autores. Segundo Rother (2007), esse tipo de abordagem configura-se por publicações amplas apropriadas para descrever e discutir o desenvolvimento de um assunto específico, podendo contribuir para o debate de determinadas temáticas, no levantamento de questões, na aquisição e atualização do conhecimento em um curto espaço de tempo. De acordo com Mattos (2008), a revisão narrativa não utiliza critérios sistemáticos para a busca e análise crítica da literatura, nela a busca não precisa esgotar as fontes de informações, bem como não é necessário o uso das estratégias de busca sofisticadas e exaustivas.

Dessa maneira, o processo de busca, coleta e seleção das produções científicas na literatura foram realizadas no período entre setembro e outubro de 2020. Inicialmente, na base de dados Portal de periódicos da CAPES, utilizando as seguintes combinações como estratégia de busca nos títulos: “educação” AND “redes sociais”; e “atividades pedagógicas” AND “redes sociais”. Com essas combinações, seguimos os critérios de inclusão minimamente elencados para orientar a seleção.

Os critérios de inclusão foram: período de publicação nos últimos cinco anos (2015 a 2020); produção tipo artigo científico e capítulos de livro; publicações em português; em periódicos revisados por pares; artigos na íntegra disponíveis nos sítios da internet de forma gratuita; e artigos em que o contexto compunha a educação brasileira e o ensino médio. Por sua vez, os critérios de exclusão foram: produções do tipo resumos; textos em jornais; artigos de entrevistas; livros; monografias; dissertações e teses; publicações em anais de eventos acadêmicos; publicações em periódicos internacionais; e em outros idiomas.

Desse modo, foram encontrados trinta artigos, dos quais cinco foram selecionados após análise do título e resumo. Em seguida, após leitura minuciosa dos artigos na íntegra, dois foram excluídos, visto que não tratavam do tema central deste estudo. Finalmente, três artigos foram selecionados para compor a base de dados. Posterior à essa etapa, avaliou-se a necessidade de incorporar mais artigos para atender os objetivos do estudo e aprofundar o tema. Optou-se, portanto, por aplicar uma estratégia de busca mais livre na base de dados do Google Acadêmico.

Nessa segunda base, utilizaram-se os mesmos critérios de inclusão e exclusão adotados na primeira base de dados pesquisada, exceto para o item periódicos revisados por pares. Além disso, no Google Acadêmico, buscou-se por palavras-chave em português e associadas às seguintes combinações: “redes sociais e educação”; e “atividades pedagógicas e redes sociais”, incorporando na seleção os artigos disponíveis até a décima página do site. Durante a busca, título e resumo dos artigos foram analisados; em seguida, os artigos selecionados foram lidos na íntegra. Um dos artigos encontrados na segunda base de dados foi excluído por já ter sido selecionado na primeira, evitando a duplicidade. A estratégia de busca nas bases de dados resultou na elaboração da Quadro 1:

Quadro 1- Resultado das estratégias de busca nas bases de dados.

Bases de dados	Combinações das palavras-chave	Nº de artigos encontrados	Nº de artigos selecionados após os critérios de inclusão e exclusão	Nº de artigos selecionados após leitura na íntegra
Portal de Periódicos da CAPES	“educação” AND “redes sociais”	11	5	3
	“atividades pedagógicas” AND “redes sociais”	19		
Google Acadêmico	redes sociais e educação	15	17	15
	atividades pedagógicas e redes sociais	16		
TOTAL		61	22	18

Fonte: Elaboração própria.

Desse modo, em conformidade com as estratégias de busca utilizadas na segunda base de dados (Google Acadêmico), foram escolhidas um total de 31 (trinta e uma) produções que atenderam os critérios de inclusão. Em seguida, os conteúdos das produções científicas selecionadas foram analisados de acordo com a análise de conteúdo. Segundo Bardin (1994), essa técnica representa a análise profunda para determinar a presença de sentidos e significados dentro de um texto ou conjunto de textos. Além daqueles que se enquadravam nos critérios de exclusão estabelecidos, descartamos aqueles em que o contexto se tratava exclusivamente da modalidade EAD, educação na perspectiva inclusiva, ensino superior, cursos ou educação de jovens e adultos.

Ademais, foram descartadas as publicações que apresentaram dificuldades de acesso como o alerta de perigo de vírus ou problemas de acesso/manutenção nos sites. Assim, foram selecionados dezessete estudos que atenderam aos critérios mínimos de inclusão deste material pesquisado na segunda base de dados. Em seguida, realizou-se leitura minuciosa na íntegra dos artigos, sendo excluídas mais duas produções que não tratavam especificamente dos impactos das redes na aprendizagem. Por fim, compõem a análise deste trabalho um total de dezoito artigos selecionados, os quais foram lidos na totalidade, categorizados e analisados criticamente como apresentados nas próximas seções.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As descrições gerais das produções selecionadas estão apresentadas nos Quadros 2 e 3. No que tange à caracterização dos estudos, em relação ao ano de publicação, segue a seguinte

distribuição: quatro publicações em 2015; seis publicações no ano de 2016, com o maior número de artigos; três publicações em 2017; três publicações em 2018; e, por fim, duas publicações em 2019. Não foram encontradas publicações referentes ao ano de 2020.

Quadro 2 – Apresentação dos artigos incluídos na revisão selecionados na base de dados Portal de Periódicos da CAPES.

<i>Nº</i>	<i>Título</i>	<i>Autor(es)</i>	<i>Periódico (vol., nº, p., ano)</i>
01	Redes sociais virtuais, blog, wiki e moocs como parte de uma arquitetura pedagógica	OLIVEIRA, A. M.	Revista de Humanidades, Tecnologia e Cultura, v. 5, p. 01-12, 2016.
02	Memes de redes sociais digitais enquanto objetos de aprendizagem na cibercultura: da viralização à educação	OLIVEIRA, K. E. J.; PORTO, C. M.; ALVES, A. L.	Acta Sci. Educ., v. 41, e42469, 2019.
03	De iniciantes a vanguardistas: o uso de tecnologias digitais por jovens professores	REIS, V.; MENDES, G. M. L.	HOLOS, Ano 34, v. 01, p. 297-316, 2018.

Elaboração própria.

Quadro 3- Apresentação dos artigos incluídos na revisão selecionados na base de dados Google Acadêmico.

<i>Nº</i>	<i>Título</i>	<i>Autores</i>	<i>Periódico (vol., nº, p., ano)</i>
01	As redes sociais na internet e suas apropriações por jovens brasileiros e portugueses em idade escolar	ROSADO, L. A. S.; TOMÉ, V. M. N.	Rev. bras. Estud. pedagog. (online), v. 96, n. 242, p. 11-25, 2015.
02	Jogos eletrônicos, redes sociais e dispositivos móveis: reflexões para os espaços educativos	COUTINHO, I. J.; RODRIGUES, P. R.; ALVES, L. R. G.	Obra digital: Journal of Communication and Technology, v. 10, p. 1-12, 2016.
03	Redes sociais no processo de ensino e aprendizagem: Com a palavra o adolescente	SILVA, F. S.; SERAFIM, M. L.	Teorias e Práticas em Tecnologias educacionais. 1º ed. Campina Grande: Editora da UEPB, v. 01, p. 67-98, 2016.
04	Memes nas redes sociais: práticas a partir das culturas de referência dos estudantes	ZUBLER, E. P. P.; AYRES, S. R. B.; SOUZA, R. M.	Revista Redin., v. 6, n. 1, p. 1-9, 2017.
05	Redes sociais de internet numa escola de ensino médio: entre aprendizagens mútuas e conhecimentos escolares	CARRANO, P. C. R.	Perspectiva, v. 35, n. 2, p. 395-421, 2017.
06	Juventudes e redes sociais: interações e orientações educacionais	FIALHO, L. M. F.; SOUSA, F. G. A.	Revista Exitus, v. 9, n. 1, p. 202-31, 2019.
07	Aprendizagem colaborativa e interações nas redes sociais: qualificação da educação básica	BEDIN, E.; PINO, J. C. D.	Rev. ARETÉ, v. 8, n. 17, p. 187-201, 2015.
08	Mídias sociais em escolas: uso do whatsapp como ferramenta pedagógica no ensino médio	NERI, J. H. P.	Estação Científica, n. 14, p. 1-25, 2015.
09	O potencial da rede social Facebook no apoio e mediação das aulas de Biologia do 1º ano do Ensino Médio Politécnico da Escola Estadual de Educação Básica Leopoldo Ost	RAMIRO, A. Z. et al.	Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental, v. 19, n. 3, p. 681-89, 2015.
10	Um estudo sobre as possibilidades pedagógicas de utilização do whatsapp	KAIESKI, N.; GRINGS, J. A.; FETTER, S. A.	RENOTE. Revista Novas Tecnologias na Educação, v. 13, p. 1-10, 2016.



<i>Nº</i>	<i>Título</i>	<i>Autores</i>	<i>Periódico (vol., nº, p., ano)</i>
11	Análise de recursos disponíveis em redes sociais: potencialidades para a construção de web currículos	CABRAL, M. K. F.; SANTOS, G. F.; NAKASHIMA, R. H. R.	Revista e-Curriculum, v.14, n. 03, p. 970-97, 2016.
12	O uso do celular por estudantes na escola: motivos e desdobramentos	NAGUMO, E.; TELES, L. F.	Rev. bras. Estud. pedagog. (online), v. 97, n. 246, p. 356-71, 2016.
13	O uso do celular em sala de aula como ferramenta pedagógica: Benefícios e desafios	PIMENTA, C. C. C.; LOPES, P. A.	Revista Cadernos de Estudos Pesquisa na Educação Básica, v. 3, n. 1, p. 52-66, 2017.
14	Educação Física escolar no ensino médio: o uso das redes sociais nos processos de ensino-aprendizagem a partir da perspectiva de aulas abertas	MATIAS, T. S. et al.	Pensar a Prática, v. 21, n. 3, p. 609-20, 2018.
15	O desenvolvimento da capacidade de argumentação em mídias sociais digitais: o uso pedagógico do whatsapp	MARTINS, E. C.; SANTOS, G. L.	ETD- Educação Temática Digital, v. 20 n. 1, p. 137-52, 2018.

Fonte: Elaboração própria.

Em conformidade com as fontes de informação, julgamos que elas possuíam conteúdos apropriados para a resposta da nossa questão de pesquisa. Dessa forma, a partir das estratégias de busca na literatura apresentadas anteriormente encontramos um número maior de produções científicas no Google Acadêmico do que no Portal de Periódicos da CAPES. A metodologia na primeira base utilizava busca avançada, ou seja, mais refinada e localizando menos produções científicas. Embora, nessa busca, tenhamos encontrado material mais específico sobre o tema. Na pesquisa avançada, os tópicos são indexados por assuntos e categorias, já na pesquisa simples o processo é mais livre, como na busca do Google Acadêmico, em que foram empregados assuntos gerais e, portanto, resultando em mais produções que não abarcavam o tema de interesse deste estudo.

Redes sociais digitais como ambiente de interação

As tecnologias digitais têm chegado à escola por diferentes vias: programas de inclusão digital, promovidos por órgãos governamentais; indústrias de tecnologia da comunicação; estudantes mergulhados em uma sociedade digital; e professores que tentam inovar na mediação pedagógica (REIS; MENDES, 2018).

Segundo Rosado e Tomé (2015), o espaço urbano, que inclui a escola enquanto espaço geográfico físico, cada vez mais se cruza com o virtual, onde no dia a dia das pessoas e

comunidades, ocorre o compartilhamento das vidas, seus problemas, seus pensamentos etc. Os espaços de aprendizagem, que tradicionalmente se referiam a um espaço físico, são ampliados a ambientes virtuais, apoiados pela internet (CABRAL; SANTOS; NAKASHIMA, 2016). Com o desenvolvimento da internet e o potencial da Web 2.0, os usuários deixaram de serem receptores passivos para tornarem-se ativos (OLIVEIRA, 2016).

Nesse sentido, o desenvolvimento tecnológico proporcionado pela internet tem desvendado para a educação várias possibilidades para a melhoria das estratégias de aprendizagem, não somente para a EAD, mas na modalidade de ensino presencial. Especialmente, no que tange ao fortalecimento das relações interpessoais afetivas entre professor-aluno nas redes e como ferramenta no apoio ao ensino, haja vista a necessidade eminente de novas formas de aprendizagens, espaços e formas de comunicação.

A pesquisa realizada com adolescentes por Silva e Serafim (2016) revelou que a maioria dos jovens acessam a internet todos os dias. Por sua vez, o estudo desenvolvido por Carrano (2017) apontou que a primeira ação do dia, de metade dos usuários da internet, era acessar as redes. Além disso, ele revelou que a frequência de acesso à internet pelos estudantes e professores era de onze horas semanais. Nesse sentido, as redes se tornam espaços de lazer, de encontros e de expressões juvenis em que é possível fazer descobertas e expor opiniões, mas precisam ser utilizadas com cautela e responsabilidade (FIALHO; SOUSA, 2019).

De acordo com Oliveira, Porto e Alves (2019), as redes se caracterizam como um espaço de múltiplas vivências, que altera e cria novos espaço de interação, sentidos, significados e subjetividades nos sujeitos e seus processos de aprendizagem. Rosado e Tomé (2015) dizem que um perfil na rede representa, em geral, uma pessoa, mas pode representar também objetos culturais (filmes, músicas), de consumo (produtos), lugares (cidades, instituições, associações) e movimentos sociais (partidos, grupos representativos, ideologias).

As redes são ambientes extramuros da escola e podem ser constituídos como novas formas de compartilhamento dos conhecimentos (SANTANA, 2019). Assim como configuram-se como um espaço singular para o afeto. Em suma, indaga-se que as redes podem ter um papel importante na ressignificação das práticas pedagógicas visando a interatividade entre professor-aluno. Nesse sentido, consideramos as tecnologias digitais como instrumentos facilitadores do processo pedagógico, tendo em vista a produção de práticas docentes mediadas pelas tecnologias digitais como recurso pedagógico. Esses elementos perpassam a transformação do papel do professor, que se torna articulador e mediador da aprendizagem. Consoante a esse

contexto, a aula se torna mais dinâmica e há interação significativa entre ambos (VALINHO; GONÇALVES; ALMEIDA, 2015; UMBELINA, 2012).

Dessa maneira, entende-se que o ensino na contemporaneidade não pode ser mais centrado na transmissão e reprodução do conhecimento – ainda tão expressivo na realidade das salas de aula. Atualmente, a educação precisa superar alguns desafios, entre eles: como despertar a motivação dos alunos pelo aprendizado. O estudante da contemporaneidade demanda um espaço de aprendizagem onde possa existir engajamento, imersão e prazer em aprender (COUTINHO; RODRIGUES; ALVES, 2016).

De acordo com Oliveira (2016), o pensamento e a aprendizagem se constroem em rede, o aluno é o protagonista da sua aprendizagem e o professor é o orientador, o conhecimento é adquirido de fontes diversas (internet, fóruns de discussão, comunidades virtuais). Nesses processos os professores são orientadores, atuando como mediadores. Assim, o professor também adquire novos conhecimentos (OLIVEIRA, 2016). O papel do professor se configura como um mediador pedagógico potencial desse processo, na medida em que estabelece diálogos, inferências e conexões com os educandos (COUTINHO; RODRIGUES; ALVES, 2016). O professor é colocado no processo como estimulador da curiosidade do aluno (SILVA; SERAFIM, 2016).

Segundo Reis e Mendes (2018), a relação professor-aluno, muitas vezes, é permeada pela dualidade entre manter a tradição e o poder do ensinar ou dividir o protagonismo do processo de aprendizagem com os estudantes. É importante ressaltar que as tecnologias não substituem a figura do professor, porém podem possibilitar mudanças em sua metodologia de ensino (SILVA; SERAFIM, 2016).

Desse modo, o aluno imerso nas redes pode representar o conhecimento adquirido, através de imagens, textos, vídeos, áudios, garantindo a possibilidade de registrar e rever as discussões para reflexões futuras (OLIVEIRA, 2016). De acordo com Rosado e Tomé (2015), as notícias e atualidades são compartilhadas e pautam os interesses dos jovens nas redes, de modo que cabe à escola utilizar mais esse recurso em suas atividades, aproximando-se do cotidiano deles, sem que para isso perca suas funções institucionais. Uma das tarefas importantes das escolas é contribuir para que os jovens possam realizar escolhas conscientes sobre suas próprias trajetórias pessoais e isso inclui o desafio da construção pessoal e coletiva de conhecimentos significativos (CARRANO, 2017).

Com o uso das redes no apoio à aprendizagem, o processo se fundamenta em experimentações, simulações, antecipações, soluções e (re)construções (OLIVEIRA, 2016). O conhecimento é construído de forma prática, na vivência, na interatividade e na reflexão constante sobre tudo o que é produzido (OLIVEIRA, 2016). Na opinião dos adolescentes entrevistados por Carrano (2017, p. 413), as redes funcionam como um espaço de liberdade (FIALHO; SOUSA, 2019), podendo através delas ampliar a intimidade, as relações de afeto, de amizade e como um canal informal para compartilhar questões de foro íntimo com seus professores, além de constituir-se como um local profícuo de construção e exposição de identidades na visão de Fialho e Sousa (2019).

Nesse sentido, Coutinho, Rodrigues e Alves (2016) destacam que as tecnologias digitais se constituem como espaços potenciais de aprendizagens, que favorecem o desenvolvimento de habilidades cognitivas (planejamento, memória, atenção, entre outros), habilidades sociais (comunicação, assertividade, resolução de conflitos interpessoais, entre outros) e habilidades motoras.

Dessa maneira, a realização de projeto envolvendo diálogo entre turmas diferentes, ou entre os alunos e outras pessoas, externas à escola potencializa processos de aprendizagem baseados na troca, na interação dinâmica e colaborativa, no compartilhamento de ideias e saberes (REIS; MENDES, 2018). Os autores Cabral, Santos e Nakashima (2016) reforçam que a configuração de grupos foi a melhor forma para a rede se adequar à prática de atividades educacionais.

Coutinho, Rodrigues e Alves (2016) ressaltam que as redes revelam questões que extrapolam a publicitação da vida, mostrando por trás das interações uma trama de elementos como a autoria, a autonomia, a interatividade, a criatividade, que interessam a área educacional. Uma pesquisa realizada com adolescente, por Silva e Serafim (2016), revelou que os alunos tinham mais cuidado com o que escreviam nas redes quando sabiam que os professores tinham acesso ao seu texto.

Segundo Matias (2018), ao iniciar a experiência na utilização das redes, ele tinha expectativas iniciais e potenciais que envolviam as redes como espaço de discussão e realização das tarefas. Após a aplicação da metodologia, ele percebeu outros potenciais, além dos que já imaginava anteriormente, como espaço de avaliação (professor), espaço de autoavaliação (aluno) e preservação do conteúdo.

A inserção de diferentes gêneros textuais digitais (blog, fórum, chat etc.) de sites de redes (Facebook, Instagram, Pinterest, LinkedIn, Youtube etc.) e os aplicativos de mensagens instantâneas (WhatsApp, Telegram etc.) nas atividades pedagógicas podem possibilitar interação, bem como desenvolver aspectos da argumentação imprescindíveis para o desenvolvimento de indivíduos com pensamento crítico-reflexivo sobre o mundo que os cercam (MARTINS; SANTOS, 2018).

A literatura aponta sobre a percepção dos professores de que as redes estariam sendo vistas mais como instrumentos de fortalecimento de laços entre professor-aluno e comunidade, do que como alternativa de melhoria da aprendizagem (CARRANO, 2017).

As disciplinas de Geografia e História são as que os alunos mais encontram materiais nas redes (SILVA; SERAFIM, 2016). Embora as experiências tenham mostrado o uso das redes em diferentes conteúdos das disciplinas do ensino médio como Português, Inglês, Biologia etc. A experiência compartilhada por Matias (2018) utilizou as redes na aprendizagem dos conteúdos disciplinares da Educação Física e desenvolveu a premissa de que as redes ampliaram o binômio espaço-tempo destinado à Educação Física, favorecendo a apropriação e a manutenção do conhecimento permitindo que os alunos permanecessem refletindo sobre as aulas.

Os sistemas de relações de mediação proposto por Vygotsky, através dos dispositivos tecnológicos, podem propiciar diferentes formas de interação viabilizando o saber coletivo, uma vez que, durante uma participação em rede, o indivíduo assume uma postura compartilhada, sua comunicação ganha contornos reticulares e o envolvimento com a atividade se dá na seara da cooperação (MELLO; TEIXEIRA, 2011). De acordo com esses autores, ao reconhecermos a importância de processos interativos para o desenvolvimento humano e, em especial para o processo de aprendizagem como elucidado por Vygotsky, parece urgente discutir acerca do potencial das tecnologias que se colocam de forma simbiótica na vida das pessoas e que têm ganhado espaço no meio educacional.

No tocante das experiências do uso das redes para aprendizagem, constatou-se a potencialidade delas agirem sobre diferentes disciplinas, além de proporcionar uma perspectiva interdisciplinar. Nagumo e Teles (2016) destacam o trabalho com as fotografias no universo das redes, ela é entendida como forma de linguagem quanto como forma de registro, os jovens estão cada vez mais expostos por esse tipo de linguagem. Nela, os alunos podem entender como ocorre a criação de imagens pode dar mais criticidade na leitura do mundo audiovisual. Nesse

sentido, a rede Instagram tem relevância, embora não tenhamos encontrado nenhuma experiência que compartilhasse vivências com essa rede no ensino médio. Desse modo, cabe revelar algumas experiências encontradas.

O Facebook

Cabral, Santos e Nakashima (2016) ressaltam que essa rede pode ser utilizada pelos educadores, principalmente no fomento a atividades em grupo, destacando a capacidade da criação de páginas dentro do Facebook, embora ressaltem que essa opção não assegura a privacidade. Outro exemplo, em relação ao uso dela no ensino de Biologia a partir da pesquisa realizada por Ramiro (2015), destacou questões da interdisciplinaridade, pois além de completar as atividades muitos alunos compartilharam assuntos não estudados em sala de aula, porém que se relacionavam com os conteúdos da Biologia em uma perspectiva mais ampla e de outras disciplinas, como a Química.

Do mesmo modo, o uso do Facebook foi encarado como suporte didático para promover a alfabetização científica de estudantes na área de Física (REIS; MENDES, 2018). Segundo Coutinho, Rodrigues e Alves (2016), a interação educacional proporcionada pelo Facebook pode facilitar a conversação, auxiliar a diminuição das relações hierárquicas de poder entre professor e alunos, melhorar o nível de relacionamento e dar suporte à interação entre alunos.

Para Bedin e Pino (2015), as discussões e interações oriundas das situações propostas no Facebook e mediadas pelo educador, permitiram a motivação do ensino de novos conceitos científicos sobre os conteúdos ministrados, no seu futuro como cidadão e o desenvolvimento de habilidades pessoais que podem trazer benefícios sociais e profissionais. A participação dos alunos nas discussões e postagens foi expressiva, demonstrando a aprovação e gosto dos educandos por essa metodologia (RAMIRO, 2015).

Os memes

Os memes chamam a atenção para disputas na rede ou discussões públicas e sociais, questões de gênero, discursos sobre preconceito, entre outros assuntos que se tornam populares e são lançados à opinião pública por meio do humor (OLIVEIRA; PORTO; ALVES, 2019). O meme pode ser utilizado para trabalhar gêneros textuais, ele se apresenta como gênero moderno

que pode propiciar autoria por parte dos alunos, se trabalhado de modo pedagógico (ZUBLER; AYRES; SOUZA, 2017).

Por conseguinte, os memes refletem e influenciam nos processos de aprendizagem, já que se constroem por meio de sua intertextualidade nas redes e estão paulatinamente inseridos nos discursos políticos, culturais, sociais e na linguagem digital dos usuários por meio do humor e sarcasmo (OLIVEIRA; PORTO; ALVES, 2019). As autoras Zubler, Ayres e Souza (2017) acreditam que o uso de memes pode possibilitar uma aproximação com a cultura de referência dos educandos.

Os memes desempenham forte potencial educativo, por meio da intertextualidade, autoria visual online, e da produção colaborativa e discursiva em redes (OLIVEIRA; PORTO; ALVES, 2019). De acordo com Zubler, Ayres e Souza (2017, p. 8), a prática com memes pode despertar o interesse do educando a diferentes tipos de leitura, aguçando sua criticidade, levando-o a inferir sentido a uma dada situação por meio da linguagem verbal e não verbal.

O Whatsapp

O WhatsApp é outro espaço significativo, mesmo não se constituindo como rede, tem grande relevância nas relações sociais contemporâneas. Segundo Neri (2015), ele pode ser utilizado como ferramenta multimídia para tornar as aulas mais atraentes e consequentemente melhorar a relação entre aluno-professor. Dentre as características destacadas pelo próprio autor, têm-se: a possibilidade de compartilhar com a turma o conteúdo, atrair os alunos na tarefa de ler e escrever, planejamentos de aulas, trabalhar com fotografias e enviar mensagens de atividades para os colegas.

Em estudo realizado por Kaieski, Grings e Fetter (2016), o uso do WhatsApp promoveu maior engajamento, participação e colaboração dos discentes no processo de ensino e aprendizagem significativo e para além dos limites físicos da sala de aula. Em contrapartida, as autoras pontuam que, embora os discentes tenham participado de forma ativa na troca de mensagens, eles observaram que alguns alunos não se sentiram seguros para postar suas dúvidas.

Desafios para o uso das redes sociais digitais

De acordo com Silva e Serafim (2016), as redes estão cada vez mais presentes no dia a dia dos alunos e professores. No entanto, essas ferramentas ainda não são amplamente exploradas em sala de aula. Alguns desafios a serem superados foram pontuados pelos entrevistados do estudo de Reis e Mendes (2018): a questão do confronto geracional entre docentes e educandos; formação inadequada para os usos das TICs; falta de suporte e infraestrutura na escola; e falta de habilidade para manusear tais artefatos. Além disso, em outro contexto, tem-se que o número de professores conectados aos alunos através de redes ainda é pequeno se comparado ao avanço da tecnologia (SILVA; SERAFIM, 2016).

Em relação à necessidade de formação e capacitação dos professores. Reis e Mendes (2018) argumentam que os jovens professores tendem a usar com mais intensidade as tecnologias em situação de aula, embora isso não esteja relacionado apenas ao fato deles serem usuários de tecnologias na vida pessoal. Assim, o fator de uso estava mais relacionado à formação. Esse público tinha maior aproximação com as TICs na licenciatura e através de cursos extracurriculares ou da pós-graduação.

A pesquisa realizada por Carrano (2017, p. 410) mostra que os professores se sentem inseguros e com sentimento de que “estão ficando para trás” diante da velocidade das redes de internet. Contraditoriamente, segundo Bedin e Pino (2015), tem-se que as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN), divulgadas em 2002 para a formação de professores da educação básica, propõem o uso de tecnologias da informação e da comunicação e de metodologias, estratégias e materiais de apoio inovadores.

Outra questão tocante é o desconhecimento por parte dos professores dos instrumentos pedagógicos disponíveis nas redes. Nesse sentido, a interação com as mídias digitais ainda é vista como mera forma de comunicação e de entretenimento (COUTINHO; RODRIGUES; ALVES, 2016).

Em relação ao papel e organização da escola no acesso às redes, as duas realidades pesquisadas (brasileira e portuguesa) apontam a baixa participação, evidenciando a distância entre o ambiente das escolas e as novas tecnologias (ROSADO; TOMÉ, 2015). Na opinião dos autores Fialho e Sousa (2019), não há orientação educacional veiculada pelos pais e pela escola aos adolescentes e jovens.

De acordo com Carrano (2017), a escola demonstra dificuldades nesse universo, seja

pelas subjetividades juvenis do sentido de ser e estar nas redes, seja pelos sinais clandestinos que vencem os muros da instituição e disputam os sentidos dos jovens com os espaços e tempos escolares. Reis e Mendes (2018) identificaram que a restrição da escola sobre o uso das redes instigava os alunos a investirem no conhecimento sobre TICs para driblar o bloqueio.

Em contrapartida, Nagumo e Teles (2016) destacam que embora as escolas tendem a proibir, os estudantes costumam transgredir, utilizando seus celulares em virtude do tempo livre na escola ou do tédio nas aulas. Segundo Silva e Serafim (2016), na maioria dos casos, as escolas não permitem o acesso as redes sociais em função do “medo” de que o aluno se interesse por assuntos que não estejam diretamente ligados aos estudos da sala de aula.

Em relação à postura do professor, Bedin e Pino (2015) destacaram que para fazer uso das redes para fins pedagógicos, o professor precisa ter uma prática embasada em um paradigma emergente, ou seja, aos pressupostos da abordagem progressista e do ensino com pesquisa, identificando a tecnologia como um recurso auxiliar para a aprendizagem. A maioria dos docentes não consegue perceber as potencialidades e possibilidades das redes e dos ambientes virtuais em situação de aula (REIS; MENDES, 2018). Por sua vez, o estudo de Carrano (2017) revela que metade dos alunos de uma escola gostariam que seus professores utilizassem mais as redes na escola.

Desse modo, um dos motivos para os docentes compartilharem de ações restritivas sobre o uso das redes está relacionado à concentração e distração do celular (PIMENTA; LOPES, 2017). Nagumo e Teles (2016) criticam essa postura, haja vista que o problema de concentração não será solucionado apenas com a proibição ao uso da tecnologia. Assim, segundo esses autores, o fato de os alunos considerarem as aulas tediosas, provavelmente, decorra da falta de relação destas com a realidade e expectativas deles.

Diante desse contexto, algumas medidas são urgentes para superação dessas barreiras. Como estratégia, segundo Zubler, Ayres e Souza (2017), temos a necessidade de discussão sobre a cibercultura nos planejamentos de aula. De acordo com Pimenta e Lopes (2017), o celular pode ser usado como recurso didático na escola, desde que conste no projeto político pedagógico e planejamento de aula do professor (MARTINS; SANTOS, 2018) para que o corpo docente, as famílias e a escola se comuniquem e promovam um trabalho colaborativo.

Outra estratégia, apontada por Oliveira (2016), diz respeito à aprendizagem que, no uso dessas ferramentas, deve estar integrada ao currículo escolar, com significado e interligação a projetos pedagógicos desenvolvidos com a participação dos atores escolares. Entretanto, como

ressaltado por Fialho e Sousa (2019), é necessário antes disso, conhecer as interações virtuais desenvolvidas pelos jovens e orientá-los, no âmbito educacional, para o uso responsável e saudável das redes. Reis e Mendes (2018) advogam que é preciso uma reorganização curricular visando o uso das redes no meio escolar para o debate sobre questões científicas, possibilitando a tomada de decisões na vida cotidiana.

Há necessidade de ampliação das políticas das escolas com vistas ao incentivo da produção autoral dos alunos (produção fotográfica, de áudio e de vídeo) e ao aprofundamento de conteúdos que podem ser pesquisados, postados e debatidos nas redes (ROSADO; TOMÉ, 2015).

Dessa maneira, de acordo com Oliveira (2016), a superação desses desafios perpassa um trabalho em conjunto entre professor, alunos e equipe pedagógica, onde ambos entendem que a interdisciplinaridade é o caminho para o uso eficiente da relação tecnologia-educação no contexto escolar. Além disso, os responsáveis pelos alunos têm sua influência, pois ainda para muitas famílias, é difícil aceitar que ser possível aprender de uma forma lúdica e não linear (COUTINHO; RODRIGUES; ALVES, 2016).

Segundo Rosado e Tomé (2015), é necessário também que as escolas, pais e professores conheçam o que os educandos fazem nas redes, i.e., que se familiarizem, utilizando as redes em seu cotidiano. Uma vez que, nesses novos espaços, a subjetividade e a sociabilidade desses jovens estão sendo construídas. Para Coutinho, Rodrigues e Alves (2016), a família precisa, igualmente, ser preparada para a ampliação dos processos educativos, haja vista as preocupações mais frequentes dos responsáveis estarem relacionadas ao uso das tecnologias, especialmente dispositivos móveis e jogos digitais, e à aprendizagem.

De acordo com Fialho e Sousa (2019), esse contexto gera a necessidade de os responsáveis conhecerem e acompanharem as interações realizadas pelos seus filhos nas redes para evitar situações de perigo e orientar o uso crítico e consciente com mediação educacional dialógica.

Por fim, acredita-se que o uso das redes na educação pode sensibilizar e aproximar os professores às realidades sociais dos alunos e, ao mesmo tempo, as relações podem permear o afeto. Entretanto, aponta-se a necessidade de estudos para compreensão das subjetividades nas relações interpessoais entre os atores professor-aluno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As publicações revelaram que as redes são espaços potentes para o desenvolvimento de práticas pedagógicas participativas, interativas, colaborativas, criativas e dinâmicas tão necessárias para despertar o interesse dos educandos pelo conteúdo e pelo aprendizado na contemporaneidade. Assim, elas são vistas como ferramentas auxiliares de apoio e complemento das práticas pedagógicas.

Com isso, os alunos podem aprimorar suas habilidades em relação à pesquisa e aprofundar os conteúdos de sala de aula, aplicando-os na prática, na realidade da vida social, e atuando na dimensão da criticidade do que é aprendido e vivido nas redes. Além disso, as redes podem ser consideradas um mecanismo para a educação integrada, haja vista sua capacidade de trabalhar os conteúdos de diferentes disciplinas de forma concomitante. Ademais, pelas experiências diagnosticadas elas podem ser utilizadas em qualquer área/disciplina desde as ciências humanas às exatas, tal como na educação profissional pela sua capacidade de reunir temas transversais e agregar pessoas com o mesmo interesse.

Em um mundo contemporâneo marcado pelas transformações sociais aliadas a tecnologia, há um crescimento significativo do número de usuários de redes sociais virtuais. As experiências compartilhadas neste estudo mostram, também, a diversidade pedagógica do uso das redes para o campo educacional. Embora necessite de mais estudos, elas podem ser estratégias eficientes para proporcionar uma aproximação entre professor, escola, realidade social dos alunos e do contexto da cidade.

Evidentemente, redes sociais virtuais fortalecem as relações interpessoais de afetividade entre professor-aluno. Em contrapartida, há desafios para considerar as suas potencialidades para o processo pedagógico, sobretudo relacionados à necessidade de formação dos professores e às concepções das tendências pedagógicas tradicionais. Torna-se, portanto, latente a relevância da organização da escola advogar e dialogar, de forma coletiva e democrática, no seu projeto pedagógico sobre o uso das redes sociais no apoio das práticas pedagógicas contemporâneas.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições Setenta, 226 p., 1994.

BEDIN, Everton; PINO, José. Aprendizagem colaborativa e interações nas redes sociais: qualificação da educação básica. **Revista Areté**, Amazonas (AM), v. 8, n. 17, p. 187-201, 2015.

CABRAL, Mayara Kaynne Frago; SANTOS, George França dos; NAKASHIMA, Rosária Helena Ruiz. Análise de recursos disponíveis em redes sociais: potencialidades para a construção de web currículos. **Revista e-Curriculum**, São Paulo (SP), v.14, n. 03, p. 970-97, 2016.

CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues. Redes sociais de internet numa escola de ensino médio: entre aprendizagens mútuas e conhecimentos escolares. **Perspectiva**, Florianópolis (SC), v. 35, n. 2, p. 395-421, 2017.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

COUTINHO, Isa de Jesus; RODRIGUES, Patrícia Rocha; ALVES, Lynn. Jogos eletrônicos, redes sociais e dispositivos móveis: reflexões para os espaços educativos. **Obra Digital**, Cataluña, v. 10, p. 1-12, 2016.

FIALHO, Lia Machado Fiuza.; SOUSA, Francisca Genifer Andrade de. Juventudes e redes sociais: interações e orientações educacionais. **Revista Exitus**, Pará (PA), v. 9, n. 1, p. 202-231, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 32.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

KAIESKI, Naira; GRINGS, Jacques Andre; FETTER, Shirlei Alexandra. Um estudo sobre as possibilidades pedagógicas de utilização do whatsapp. **RENOTE - Revista Novas Tecnologias na Educação**, Rio Grande do Sul (RS), v. 13, p. 1-10, 2016.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MARTINS, Erikson de Carvalho; SANTOS, Gilberto Lacerda. O desenvolvimento da capacidade de argumentação em mídias sociais digitais: o uso pedagógico do whatsapp. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas (SP), v. 20, n. 1, p. 137-152, 2018.

MATIAS, Thiago Sousa et al. Educação Física escolar no ensino médio: o uso das redes sociais no processo de ensino-aprendizagem a partir da perspectiva de aulas abertas. **Pensar a Prática**, Goiânia (GO), v. 21, n. 3, p. 609-620, 2018.

MATTOS, Paulo de Carvalho. Tipos de revisão de literatura. **Texto & Contexto – Enfermagem**, Florianópolis (SC), v. 17, n. 4, 2008.

MELLO, Elisângela de Fátima Fernandes de; TEIXEIRA, Adriano Canabarro. **A interação social descrita por Vigotski e a sua possível ligação com a aprendizagem colaborativa através das tecnologias de rede.** Anais do Workshop de Informática na Escola, [S.l.], p. 1362-1365, 2011.

MORAN, José Manuel. Novas tecnologias e o reencantamento do mundo. **Tecnologia Educacional**, Rio de Janeiro (RJ), v. 23, n. 126, p. 24-26, 1995, p. 24-26.

NAGUMO, Estevon; TELES, Lucio França. O uso do celular por estudantes na escola: motivos e desdobramentos. **Rev. Bras. Estud. Pedagóg.**, Brasília (DF), v. 97, n. 246, p. 356-371, 2016.

NERI, Juarez Heladio Pereira. Mídias sociais em escolas: uso do whatsapp como ferramenta pedagógica no ensino médio. **Estação Científica**, Juiz de Fora (MG), n. 14, p. 1-25, 2015.

NEVES, Rita de Araújo; DAMIANI, Magda Floriana. Vygotsky e as teorias da aprendizagem. **UNIrevista.**, UFRG, v. 1, n. 2, 2006.

OLIVEIRA, Aletheia Machado de. Redes sociais virtuais, blog, wiki e moocs como parte de uma arquitetura pedagógica. **Revista de Humanidades, Tecnologia e Cultura**, Bauru (SP), v. 5, p. 01-12, 2016.

OLIVEIRA, Kaio Eduardo de Jesus; PORTO, Cristiane de Magalhães; ALVES, André Luiz. Memes de redes sociais digitais enquanto objetos de aprendizagem na Cibercultura: da viralização à educação. **Acta Scientiarum. Education**, Maringá (SP), v. 41, n. 1, p. e42469, 2019.

PEIXOTO, Joana; ARAÚJO, Cláudia Helena dos Santos. Tecnologia e educação: algumas considerações sobre o discurso pedagógico contemporâneo. **Educ. Soc.**, Campinas (SP), v. 33, n. 1, p. 253-68, 2012.

PIMENTA, Cintia Cerqueira; LOPES, Priscila Almeida. O uso do celular em sala de aula como ferramenta pedagógica: Benefícios e desafios. **Revista Cadernos de Estudos Pesquisa na Educação Básica**, Recife (PE), v. 3, n. 1, p. 52-66, 2017.

PRIMO, Alex Fernando Teixeira. Interação mútua e interação reativa: uma proposta de estudo. **Revista da Famecos**, Porto Alegre, v. 1, n. 12, p. 81-92, 2000.

RAMIRO, Adriane Ziegler et al. O potencial da rede social Facebook no apoio e mediação das aulas de Biologia do 1º ano do Ensino Médio Politécnico da Escola Estadual de Educação Básica Leopoldo Ost. **Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental**, Santa Maria (SC), v. 19, n. 3, p. 681-89, 2015.

REIS, Valdeci; MENDES, Geovana Mendonça Lunardi. De iniciantes a vanguardistas: o uso de tecnologias digitais por jovens professores. **Holos**, Natal (RN), v. 1, p. 297-316, 2018.

- ROSADO, Luiz Alexandre da Silva; TOME, Vitor Manuel Nabais. As redes sociais na internet e suas apropriações por jovens brasileiros e portugueses em idade escolar. **Rev. Bras. Estud. Pedagog.**, Brasília (DF), v. 96, n. 242, p. 11-25, 2015.
- ROTHER, Edna Terezinha. Revisão sistemática X revisão narrativa. **Acta paul. Enferm.**, São Paulo (SP), v. 20, n. 2, p. 5-6, 2007.
- SANTAELLA, Lúcia. Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, v. 10, n. 22, p. 23-32, 2003.
- SANTANA, Camila. Pedagogias das conexões: Ensinar e aprender na sociedade digital Blended. **Rev. EmRede**, Porto Alegre (RS), v. 6, n. 2, 2019.
- SILVA, Francineide Sales da; SERAFIM, Maria Lúcia. Redes Sociais no processo de ensino e aprendizagem: com a palavra o adolescente. *In*: BEZERRA, Carolina Cavalcante et al. (Org.). **Teorias e Práticas em Tecnologias Educacionais**. Campina Grande: Editora da UEPB, v. 01, p.67-98, 2016.
- UMBELINA, Vanessa. Redes sociais: aliadas ou vilãs da educação? **Hipertextus Revista Digital**, São Paulo (SP), n. 9, 2012.
- VALINHO, Camila Féres; GONÇALVES, Gabriela Peres Chagas; ALMEIDA, Jennifer de Assis Souza Gomes de. Relacionamento professor-aluno na rede social Facebook: Compartilhando informações. **Anais...** Encontro Virtual de Documentação em Software Livre e Congresso Internacional de Linguagem e Tecnologia Online, [S.l.], v. 4, n. 1, 2015.
- VIGOTSKY, Lev. A formação social da mente. *In*: COLE, Michael *et al.* (orgs). **Psicologia e Pedagogia**. O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- ZUBLER, Éliidi Preciliana Pavanelli; AYRES, Sandra Regina Braz; SOUZA, Renata de Melo. Memes nas redes sociais: práticas a partir das culturas de referência dos estudantes. **Revista Redin.**, Rio Grande do Sul (RS), v. 6, n. 1, p- 1-9, 2017.